

# As várias vidas da imagem cinematográfica

Encontro com Laura Mulvey e Ismail Xavier



2001: A Space Odyssey - Cinema Redux #13 (detalhe), Brendan Dawes (2004)

ponto de partida para uma conversa entre Laura Mulvey e Ismail Xavier, dois dos mais importantes autores dos estudos de cinema.

**Laura Mulvey** é uma figura central dos estudos de cinema. O seu artigo “Visual Pleasure and Narrative Cinema” (1975) investigou a relação entre os mecanismos de identificação cinematográfica do espectador e a predominância de um ponto de vista masculino no cinema clássico americano e fundou a teoria feminista de cinema. Entre 1974 e 1982, corealizou com Peter Wollen seis filmes que prolongaram os seus interesses pela semiótica, a psicanálise e o feminismo. O seu livro mais recente é *Death 24x a Second: Stillness and the Moving Image* (2006), onde explora as novas possibilidades de análise do cinema abertas pelas novas tecnologias. É professora no Birkbeck College – Universidade de Londres.

**Ismail Xavier** é um dos mais importantes académicos brasileiros na área dos estudos de cinema. Publicou, entre outros, *O Discurso Cinematográfico: A Opacidade e a Transparência* (1977) e *Alegorias do Subdesenvolvimento: Cinema Novo, Tropicalismo, Cinema marginal* (1993). A sua obra problematizou questões fundamentais da ontologia cinematográfica e é incontornável para a compreensão do lugar do Cinema Novo do Brasil no contexto do cinema moderno internacional. Lecionou em várias universidades nos EUA e em França e é, desde 1971, professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

## Organização

AIM – Associação de Investigadores da Imagem em Movimento e CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Universidade de Coimbra)

Conferência em inglês, sem tradução.

Muitas vezes anunciadas, as notícias sobre a morte do cinema depois da popularização da televisão, do vídeo, e mais recentemente da Internet, parecem ter sido largamente exageradas.

Ao mesmo tempo que abandona os seus espaços de exibição tradicionais e se entrega à tecnologia digital e aos dispositivos móveis, o cinema acompanha-nos agora em casa e na rua, baralhando público e privado, individual e coletivo, e misturando-se com as formas da publicidade, dos jogos de computador e da animação.

Na Internet, a história do cinema oferece-se toda de uma só vez, permitindo

a coexistência de “grandes” e “pequenas” obras, *blockbusters* e filmes de autor, obras completas ou fragmentadas, “originais” e os seus *remixes*. O estatuto do “amador” é revalorizado e surge uma nova cinefilia que, para além de rever, permite *refazer* os nossos filmes (ou séries de televisão) preferidos.

Provavelmente numa versão menos “pura” do que aquela em que sempre nos habituámos a imaginá-la, a imagem cinematográfica entra numa nova etapa das suas muitas vidas. O que mudam as novas tecnologias nos debates históricos dos estudos de cinema, na maneira como se pode pensar a identidade do cinema, a autonomia da obra cinematográfica e o estatuto do espectador? Quais as consequências destas transformações para o ensino e a investigação? Que oportunidades e que desafios se oferecem hoje aos “cinemas do mundo” e às pequenas cinematografias nacionais? Estas são algumas das questões que servem como

CONFERÊNCIA SEG 13 DE MAIO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO